

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Polho de Tande

Class.: 292

Data: 19/10/81

Pg.: _____

HERÓIS E ANTI-HERÓIS

LUIZ SÉRGIO CARRARO

190

O cacique Juruna

O cacique Juruna é o tipo do aborígene inconstitucional!

E só o leitor se dar ao trabalho de ler a Carta Magna para verificar. Lá está escrito, com todos os "ssss" e "rrrr", que os selvagens são incapazes, tal como as crianças e os loucos de todo o gênero.

A expressão "loucos de todo o gênero" não é nossa. Está no Código Civil, e aí já começa a dúvida.

Na verdade, os loucos estão por toda a parte e certos tipos de loucura dão até "status" a quem as comete, há certos desatinos que são praticados por pessoas consideradas muito capazes. Mas essa já é outra história!

A Constituição, dizíamos, assegura aos silvícolas a posse permanente das terras que habitam, com todos os recursos naturais que as integram.

Falta só dar meios aos indígenas para a defesa contra a cobiça do branco.

Mas, voltando ao nosso personagem de hoje, o cacique Juruna, essa figura destacada de nossa pré-história para uma participação incômoda aos quadros civilizados do País, temos que admitir que ele faz um enorme esforço para desmentir sua incapacidade natural.

E acaba iludindo muita gente inocente, nessa sua obstinação, como esses pobres intelectuais do Tribunal Bertrand Russel, que o convidaram para presidir uma das sessões.

Sua luta atual é para ser um membro da Câmara dos Deputados.

O cacique almeja representar no cenário político os interesses da agredida nação indígena, que ele vê — nós também! — ser dizimada por uma política oficial que visa a



integração do índio na comunidade, o que vem a significar seu desaparecimento como comunidade e como cultura.

De repente, o cacique apareceu na vida nacional, carregando um sofisticado gravador de som, como um Caramuru às

avessas, incomodando os civilizados com sua máquina de capturar palavras de homens brancos.

Imagine o leitor, no cenário da fraseologia vazia em que vivemos, alguém aparecer, registrando os ditos e os não di-

tos, para cobrar a palavra de cada um e a estultice de tantos!

Pois assim é o cacique Juruna: um chato!

Não dá espaço a ninguém, pior que o Moisés, aquele gigantesco zagueiro que andou pelo Vasco da Gama.

Até o respeitado cronista social carioca, Zózimo Barrozo do Amaral, passou a dedicarlhe diariamente algumas linhas, divulgando todos os seus passos. Nada mais justo! Afinal o cacique vem de uma linhagem de mais de 400 anos.

Já estou imaginando Juruna no plenário!

E não vejo perigo algum em sua convivência com seus pares — ou ímpares?

Mesmo que ele compareça às sessões munido de arco, flexa e tacape, não conseguirá ser mais selvagem que seus colegas civilizados, com suas armas escondidas, troca de ofensas e até de sopapos.

Se ceder a seus instintos antropofágicos, o prejuízo maior será o de sua própria digestão. Ainda correrá o risco de engolir um biônico e, neste caso, sua saúde estará de todo arruinada.

As mordomias do cacique não serão onerosas para a nação. Ele não vai pretender mais do que pescar no lago de Brasília e praticar alguma caça não predatória, e, enquanto estiver caçando para comer, estará até protegendo a fauna contra os predadores.

O grande perigo, o que assusta e torna ainda mais pálidos os caras-pálidos deste país, é o acesso que estará aberto a um membro da comunidade indígena, a um sócio-fundador

desta abençoada terra brasileira, à papelada toda.

Fuçando os salvados das traças, poderá muito bem o cacique encontrar algum amarelado papelucho, sei lá de que notário, garantindo aos tupis, aos guaranis, aos aimorés, aos xavantes e às outras tribos espalhadas por aí — as que ainda não foram dizimadas em nome do progresso — a propriedade legítima da terra, para si e para seus descendentes indígenas.

Vai ser a maior denúncia vazia da paróquia!

Os portugueses escorraçados para as Índias. A dificuldade não é tanta! As negras também serão remetidas de volta para a África. O caminho é o mesmo!

Repelidos os italianos para a península, extraditados os japoneses para o extremo Oriente, esvaziado de alemães o território catarinense, poderão os índios repetir a centenária frase daqueles que se voltam para a própria felicidade:

— Enfim, sós! Até o dia em que acontecer, de novo, o inevitável.

O cacique Juruna, quase centenário, recebendo em audiência, em sua grande oca, projeto Niemeyer, um de seus informantes da Bahia.

— Grande chefe! Acaba de descer nave espacial com chefe cara pálida chamado Cabral. Grande feiticeiro tripulação aproveitou parada, rezou missa. Oferecem presentes e garantem chegada aconteceu por acaso.

— Por Tupã! Por todos grandes deuses! Vai começar tudo de novo!